

Gerard
Kremer



A DENÚNCIA DO ANEXO SECRETO

A história que desvenda o mistério
de quem traiu Anne Frank.

ÍNDICE

Prefácio	5
O zelador de Westermarkt	9
A Wehrmacht no edifício	19
Tesouros escondidos	29
«Reorganização»	39
O vestido vermelho	47
Boy	57
Sem saída	65
Pessoas escondidas	73
Uma velha conhecida	81
Medicamentos e carimbos	91
Uma rede invisível	103
Desânimo, desespero, impotência	111
Novos vizinhos no andar de baixo	119
Espia ou traidora?	129
Uma tina cheia de <i>eggnog</i>	139
Couve-branca e tarte de maçã	153
Um aniversário antecipado	161
Traição	173
<i>Tut mir leid</i>	183
A vingança do SD	191
Últimos meses difíceis	199
A denúncia do Anexo Secreto	207
<i>Dramatis Personae</i>	213
Agradecimentos	217
Adendas à história de Gerard Kremer	220

PREFÁCIO

Em minha casa, há um quadro de uma pequena parte de Amsterdão. Retrata a Westertoren, vista do Prinsengracht. Passei a minha infância nesta zona. Foi uma infância feliz, apesar de eu ter nascido durante a guerra. Comprei esse quadro há anos, como prenda para a minha mulher. Foi um presente caro, mas tinha de o ter. Toos, a minha mulher, nasceu e foi criada em Amsterdão, tal como eu. Olhando com atenção, consegue ver-se o Anexo Secreto no quadro. Apesar de não o ter visto quando o comprei, acabou mais tarde por ser uma coincidência extraordinária.

Por vezes, não compreendemos como alguém foi importante até avançarmos um pouco na idade. Gerard, o meu pai — recebi o seu nome — foi uma dessas pessoas. Foi, é claro, importante para mim: era o meu pai. Um homem modesto; recordo-o como alguém que trabalhava arduamente e fazia muitas coisas. Porém, quando eu era criança, o que ele fazia não me interessava verdadeiramente.

Nasci em 1943, ia a Segunda Guerra Mundial a meio. Mais tarde, ao crescer, pouco ouvi sobre o que o meu pai fez durante esses anos de ocupação. Ele não julgava que fosse importante; na altura, com a ajuda da minha mãe, fez simplesmente o que tinha de ser feito, o que, na sua opinião, qualquer pessoa justa teria feito.

Ainda assim, não o deixara indiferente, e ele carregou muitos desses acontecimentos em silêncio consigo todos esses anos. Só muito mais tarde tivemos consciência disso, quando nós,

que na altura éramos crianças, já estávamos casados e tínhamos saído de casa, e ele tinha mais tempo para pensar. Foi aí que os acontecimentos desses tempos ressurgiram. Ele vagueava pela casa noites a fio, assombrado pelas suas memórias e incapaz de dormir em sossego. Nessa altura, eu estava no Canadá a trabalhar, e a minha mulher, Toos, viveu alguns meses com ele por necessidade. Sempre que ele tinha uma dessas noites, a andar de um lado para o outro em puro desassossego por causa das histórias que clamavam por ser contadas, ela punha a chaleira ao lume (de qualquer modo, era impossível dormir) e escutava-o.

Ele contou-lhe histórias que nunca partilhou connosco, os filhos. Provavelmente, queria poupar-nos: quem quer sobrecarregar os filhos com semelhantes histórias de terror? Ele suportara o medo, corra riscos, mentira e arriscara sob a vigilância das forças de ocupação. Pusera-se em perigo, e, ao fazê-lo, pusera-nos também a nós em perigo. Mas não tinha escolha; fora-lhe oferecida a oportunidade, tão-só pelas circunstâncias em que se encontrava, de desempenhar um papel importante na guerra, no seu bairro, junto à Westertoren e ao virar da esquina do Anexo Secreto. Ele vira Anne e Margot a caminharem pelo bairro antes de a guerra rebentar, segurando a mão do pai, Otto. Mas não fazia ideia de que viviam tão perto da nossa casa — até à traição fatal de 1944, que quase foi também fatal para o meu pai.

Mas estou a adiantar-me. Ao longo do tempo, o meu pai começou a falar mais e mais, e o papel que desempenhou com a minha mãe na guerra foi-se tornando cada vez mais claro para mim. Muitas pessoas fizeram o que tinha de ser feito; fizeram o que pensavam ser a única coisa certa a fazer. A maior parte das pessoas nunca falou disso depois da libertação. Talvez seja algo presente no nosso espírito nacional: as ações falam mais alto do que as palavras. Ou talvez fosse apenas demasiado doloroso. Porquê desenterrar todas as memórias dessa guerra

horrenda? Tinham de continuar com as suas vidas; não servia de nada olhar para trás, e falar não põe comida na mesa.

A minha aventura profissional no Canadá não foi um êxito, e voltei para casa. Pouco a pouco, a minha mulher foi-me contando as histórias que o meu pai lhe confiara. Impressionaram-me muito, mas não fiz nada com elas. Tínhamos a nossa própria família, com uma filha pequena e uma vida ocupada. Eu andava sempre a viajar por causa do trabalho. Esta história ficou nos bastidores, mas nunca a esqueci.

Agora, reformado há algum tempo, cheguei àquela idade em que se passa em revista a nossa vida. As memórias são coisas especiais. Por vezes, desaparecem durante anos e depois, subitamente, regressam: uma voz, um cheiro, um nome. À medida que envelheço, reparo que mais e mais fragmentos do passado regressam, como um eco atrasado.

Só agora começo a compreender todo o alcance da história do meu pai.

Percebi que durante todos aqueles anos carregou com ele peças importantes do quebra-cabeças da traição do Anexo Secreto; coisas que apenas ele, por causa da sua posição, podia saber, mas que nunca vieram a lume. O meu pai morreu, e, se eu não trazer estes factos à luz do dia, não restará ninguém para contar a história.

Decidi que quero tornar pública a história do meu pai. Por um lado, para fazer justiça à importância que ele teve para o bairro em torno da Westertoren. Por outro, porque faz incidir uma nova luz sobre a identidade da pessoa que traiu o Anexo Secreto. Estou convencido de que a história do meu pai revela factos novos e significativos. Agora que ele já não está entre nós, e que eu próprio vou envelhecendo, é chegado o momento de tornar pública esta história de guerra e esta informação.

**O ZELADOR
DE WESTERMARKT**

Janeiro de 1941

Na esquina do Westermarkt e do Keizersgracht, erguia-se um alto e imponente edifício de escritórios. Gerard Kremer tocou à campainha no número 2 de Westermarkt. Ouviu-a tocar com intensidade, reverberando pelo edifício. Com um clique, a pesada porta de madeira destrancou-se automaticamente. Ele empurrou-a e, com cuidado, fechou-a atrás de si. Lá dentro, um porteiro estava sentado num cubículo junto a uma porta giratória de vidro. A porta fora parada. Gerard virou-se para o porteiro.

— O senhor vem encontrar-se com quem? — perguntou o porteiro.

— Venho encontrar-me com o Sr. Würdemann — respondeu Gerard. — Ele está à minha espera.

O porteiro escrutinou-o através do cubículo e pegou no telefone. Seguiu-se uma breve conversa telefónica, que Gerard não conseguiu ouvir. Depois, o porteiro assentiu, e a porta giratória foi posta em movimento. Gerard entrou num átrio alto revestido de azulejos. Na parede ao fundo havia uma impressionante escadaria de mármore com um corrimão de madeira. Sentia-se um vago cheiro a café acabado de fazer. Café a sério, um aroma que não cheirava havia algum tempo.

Ficou ali, de chapéu na mão, à espera. Uma das portas laterais abriu-se, e um homem alto, obviamente abastado, veio ao seu encontro de mão estendida.

— Kremer, não é? O meu nome é Würdemann. Acompanhe-me ao meu escritório, por favor.

O Sr. Würdemann deu meia-volta e afastou-se com a confiança de alguém que espera que os outros cumpram as suas ordens.

Passaram por várias divisões, onde jovens mulheres estavam sentadas diante de máquinas de escrever, até à última porta de

um comprido corredor. O edifício estendia-se mais em comprimento do que ele imaginara do exterior.

No escritório em que entrou respirava-se uma atmosfera diferente da daqueles por onde acabara de passar. Havia uma secretária de mogno, com uma cadeira de couro. Do lado oposto da secretária, encontrava-se uma cadeira de tecido. Obediente, Gerard sentou-se na cadeira que lhe foi indicada. Reparou que esperava com cautela que aquele homem lhe oferecesse não só um emprego, mas também uma chávena de café verdadeiro. Naquele momento, ambas as perspectivas eram bastante atrativas.

O Sr. Würdemann sentou-se à sua frente e foi direto ao assunto.

— Kremer, temos uma vaga para o posto de zelador, e fui-me recomendado como podendo ser a pessoa indicada para esse trabalho.

Gerard revirava o chapéu nas mãos.

— Espero que sim, Sr. Würdemann. Bem, penso que sim, pelo menos...

— Qual foi o seu último emprego?

— Sou lapidador de diamantes. Ou melhor, era lapidador de diamantes. Mas compreenderá que, dadas as circunstâncias, isso já não é possível. O meu patrão, o Sr. Polak...

Não acabou a frase. O Sr. Würdemann assentiu. A proibição de trabalhar para os negociantes de diamantes judeus afetara não apenas muitos judeus, mas também os seus empregados não judeus. Gerard fora informado recentemente de que não era esperado no dia seguinte. Sentia falta do seu trabalho a lapidar diamantes, mais do que conseguiria admitir. Adorava o trabalho de precisão e a satisfação de ver um espécime perfeitamente cortado. Mas sentia também falta de muitas pessoas; tornara-se parte da comunidade judaica, quase de forma natural. Era convidado para os *b'nai mitzvah* das crianças e partilhara

sempre os seus altos e baixos. Agora, esses dias haviam chegado ao fim, e tinha de encontrar um novo trabalho o mais depressa possível.

— Muito bem. Estamos à procura de alguém que seja de confiança e hábil com ferramentas. — O Sr. Würdemann lançou-lhe um olhar avaliador. — O trabalho implica manutenção básica e reparações no interior e no exterior. Mas há mais; este trabalho acarreta também algumas responsabilidades. Ficaria na posse das chaves de todo o edifício. Depois do horário de expediente, o edifício fica praticamente vazio. O porteiro vai para casa à noite, o que significa que ficaria de guarda ao edifício. O novo zelador deverá mudar-se para cá; estávamos a pensar usar o último andar para isso. Segundo percebi, é casado, certo?

Gerard assentiu.

— Excelente — exclamou o Sr. Würdemann. — Precisamos de contratar alguém o mais depressa possível. Vou agora mostrar-lhe o edifício, e gostaria que tomasse uma decisão ainda hoje.

Levantou-se e Gerard seguiu-o com humildade, fazendo a primeira ronda ao edifício em que acabaria por ficar como zelador durante 28 anos.

A sua família, explicou o Sr. Würdemann, licenciara o número 2 de Westermarkt. Há gerações que comercializavam bebidas, e ali destilava-se todo o tipo de bebidas em seu nome. Primeiro, o Sr. Würdemann levou-o à cave, onde se situava a destilaria. Passaram junto a enormes alambiques de cobre. O ar era pesado, com o cheiro do álcool, e Gerard sentia o aroma doce de *eggnog*.

Os escritórios localizavam-se no rés do chão, e havia uma torrefação de café um andar acima. Depois, existiam mais quatro andares, com escritórios de outras empresas. Durante essa primeira ronda, Gerard não pôde deixar de notar que em cada andar havia bastante atividade. Nos corredores, cruzaram-se com pessoas que carregavam resmas de papel. Quando viam os dois

homens a virem ao seu encontro, todas cediam passagem e os cumprimentavam com delicadeza. O Sr. Würdemann mal dava por elas; subia os degraus com grandes passadas, chamando a atenção para alguns pormenores, os vários espaços, uma ou outra janela rachada, o estado da pintura.

— Já está a precisar de uma pintura, mas estamos a pensar contratar uma empresa para o fazer.

Gerard via que o edifício não era assim muito antigo e estava em boas condições. O trabalho de manutenção não seria muito exigente, calculou.

Chegaram ao sexto andar, o último. Ali, mesmo debaixo do telhado, as paredes eram inclinadas, e as divisões eram consideravelmente mais pequenas.

— Esta seria a sua nova casa — anunciou o Sr. Würdemann.

Gerard inspecionou as divisões. Dois quartos, uma sala de estar com aquecedor a gás, uma pequena cozinha com torneiras de água quente e fria. Não era grande, mas tinha tudo aquilo de que precisava. Havia até um terraço, um excelente local para passar os dias de verão. O terraço oferecia uma vista gloriosa por sobre os telhados do Prinsengracht, do Keizersgracht e do Leliegracht, do outro lado. Lá em baixo, por entre as árvores, havia um pátio onde todos os jardins dos blocos de edifícios se uniam. Ouvia-se o carrilhão da Westertoren; eram 3 da tarde. Gerard virou-se.

— Gostaria de aceitar — disse.

— Excelente — retorquiu o Sr. Würdemann com um sorriso.
— Considere-se novamente empregado.

Duas semanas depois, Gerard e Bep Kremer mudaram-se para o imponente edifício. Na lateral do edifício, por trás de um portão de garagem, havia uma entrada de serviço com um elevador para mercadorias. Usaram-no para transportar a maior parte dos seus bens. Bep inspecionou as divisões.

— Acho que o edifício é muito elegante — disse ela. — Só é pena termos de ficar mesmo por baixo do telhado como se fôssemos pombos.

Gerard esboçou um sorriso. Sabia que a mulher adorava luxos.

Gostava de vestir roupas bonitas, usar chapéus elegantes, de preferência complementados com uma pele de raposa.

— É suficientemente espaçoso — disse ele, encolhendo os ombros. — Além disso, não temos muita escolha. Temos sorte por eu ter encontrado este trabalho, que inclui um espaço para vivermos. Até dá para um berçário, se viermos a precisar.

Ela murmurou por entre dentes e começou a abrir caixas.

— Não sei onde pôr tudo isto — disse, secamente.

Ele sabia que a mulher acabaria por mudar de opinião. Esta mudança não era uma escolha dela, e ela ficava sempre um pouco mal-humorada quando os seus planos se alteravam. Era também muito sensível ao que os outros poderiam dizer dela. Pelo menos, agora o marido tinha emprego — era zelador, ainda por cima de um edifício tão grande. Não se importaria de dizer isso às amigas. E também não tinha medo de arregaçar as mangas: apesar da resmunguice, já começara a encher armários e a mudar mobiliário de sítio.

— A Wies e o Levi vêm ajudar? — perguntou ele.

Wies era a irmã de Bep. Era casada com Levi, um judeu. Levi também recebera há pouco a notícia de que a empresa para a qual trabalhava não podia continuar a empregá-lo.

— Talvez mais tarde — respondeu Bep. — O Levi recebeu uma dica de que talvez haja trabalho para ele. Pediram-lhe que passasse lá hoje.

— Esperemos que algumas pessoas ainda estejam dispostas a empregar judeus.

— Sabes o que aconteceu ao Polak? — perguntou Bep.

— Não faço ideia.

O antigo patrão desaparecera subitamente, bem como a mulher e os filhos. Parecia acontecer a cada vez mais famílias judaicas. De súbito, a casa ficava vazia, muitas vezes com todo o recheio ainda lá dentro. Teriam sido apanhados e levados? Teriam fugido, ou estariam escondidos algures? Por norma, os vizinhos também não sabiam. Às vezes, as pessoas pareciam saber mais, mas não diziam nada. E Gerard nunca insistia. Não era da sua conta, e podia-se arranjar problemas ao saber-se mais do que era suposto saber-se.

— Ufa! — exclamou Bep, prendendo distraidamente uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Vamos beber um chá e comer qualquer coisa. Acho que merecemos.

— Senta-te — disse ele. — Eu ponho a chaleira ao lume.

Gerard habituou-se rapidamente ao trabalho como zelador. O edifício estava bem conservado, mas havia mais trabalho para fazer durante o dia e ao serão do que Gerard previra. Deram-lhe um molho de chaves que pareciam todas iguais. Chaves para a porta principal, para o elevador de serviço, da porta da cave, da porta giratória, do cubículo do porteiro. Começou por fazer um painel para todas as chaves e organizou-as por cores. Assim, pelo menos conseguiria encontrar as chaves corretas. Em pouco tempo o pessoal das diferentes empresas ficou a conhecê-lo, e, depois de lhes fazer pequenos trabalhos — uma janela emperrada que voltara a fechar, uma pequena fuga de água resolvida —, todos sabiam onde encontrá-lo.

Gerard apreciava o rebuliço que durante o dia havia por todo o edifício. Tinha alguma dificuldade em compreender que pudesse haver tantas atividades diferentes num único edifício. Inventou um jogo em que tentava adivinhar a que empresa pertenciam as diferentes pessoas. O pessoal da torrefação de café era fácil de identificar: tinham aventais próprios. Além disso, o forte cheiro a café acabado de torrar era inconfundível,

mesmo a léguas de distância. Passado pouco tempo, conseguiu garantir algum café de vez em quando — grãos que tinham sobrado, ou uma remessa que não saíra completamente bem do processo de torra. Era sempre melhor do que a generalidade dos sucedâneos disponíveis.

As senhoras e os cavalheiros da companhia de seguros e da empresa comercial por cima do andar do café pareciam estar sempre com pressa, e muitas vezes percorriam os corredores com o nariz enfiado nos papéis. Ao chegarem ou ao saírem, transportavam invariavelmente uma pasta preta ou castanha. Os funcionários da destilaria podiam dividir-se em duas categorias: pessoal administrativo e comerciais, e os destiladores propriamente ditos, envergando macacões, que desapareciam de manhã na cave. Lá em baixo não havia janelas; o espaço tinha apenas luz artificial. A cave era enorme: estendia-se por toda a base do edifício. Uma boa parte era ocupada pelos grandes alambiques de cobre e pelos barris de madeira. Não havia muita ventilação, e o cheiro forte do álcool, do brandy e do *eggnog* fizeram Gerard sentir-se tonto nos primeiros tempos. Mais ao fundo, havia um grande espaço de armazenamento.

À noite, a atividade parava, quando os funcionários deixavam os escritórios pelas 17 horas. Meia hora depois, Roger, o porteiro, também concluía o seu dia de trabalho. Vinha então a equipa de limpeza dos escritórios. Assim que acabavam, Gerard trancava a porta da frente e a porta giratória, e ele e Bep eram então as únicas pessoas no edifício.

Era-lhes permitido receberem visitas à noite e aos domingos. As visitas tinham de ser pacientes, porque, depois de tocarem à campainha, Gerard levava algum tempo a chegar lá abaixo e a abrir-lhes a porta.

— Isto parece uma fortaleza — disse a sua cunhada Wies quando os visitou com Levi, o marido, pela primeira vez.

Deleitaram-se com o café. Gerard reparou que Levi parecia ter perdido peso. Não havia conseguido o trabalho para que se candidatara.

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer — disse Gerard.
— Querem levar algum café?

Eles rejeitaram a oferta, assegurando que estava tudo bem; Gerard não tinha de se preocupar.

A WEHRMACHT NO EDIFÍCIO

Junho de 1942

Às 8h15 da manhã, Gerard estava no átrio a falar com Roger, o porteiro, quando de súbito a campainha ressoou com insistência. Roger acorreu ao seu posto para ver quem era. Reapareceu de imediato.

— Alemães — anunciou. — Há dois veículos militares na rua. Acho que é a Wehrmacht. — Olhava para Gerard com um ar hesitante.

— Acho que é melhor abirmos — disse Gerard, encolhendo os ombros.

Roger abriu a porta exterior, e três homens de uniforme entraram. Esperaram diante da porta giratória, impacientes e algo aborrecidos, enquanto Roger a destrancava. Dois eram de meia-idade e o outro, um jovem rapaz. *Ainda mal deixou as fraldas*, pensou Gerard com desdém.

Os militares tinham ordens claras: reclamaram de imediato dois andares do edifício para serem usados como escritório e armazenamento. Os andares tinham de ser libertados nesse mesmo dia.

— Mas isso não é possível — disse Gerard. — Todos os andares estão a ser utilizados. Não podemos pôr as pessoas na rua.

Como resposta, um dos militares mostrou-lhe uma ordem escrita. Gerard não percebia tudo o que dizia, mas parecia oficial, com muitos carimbos e assinaturas.

— Um momento — retorquiu. — Tenho de fazer um telefonema. *Telefonieren*. — Virando-se para Roger, disse: — Vou ligar ao Sr. Würdemann para lhe contar.

— Posso oferecer-lhes um café? — perguntou Roger, diligentemente.

— Não — respondeu Gerard. — Aqui não se serve café aos alemães.

Com isto, dirigiu-se para os escritórios para fazer o telefonema.

O Sr. Würdemann depressa compreendeu que pouco havia a fazer.

— Dois andares, diz? Imediatamente? — perguntou, resignado. — Por amor de Deus, ponha-os no terceiro e no quarto andar. Suponho que a empresa de comércio vai ter de se arranjar.

— Mas não podemos fazer isso assim sem mais, certo? — inquiriu Gerard. — Como fazemos isso? O pessoal está quase a chegar. Vão para onde?

— Vou ligar de imediato ao administrador a explicar — respondeu o Sr. Würdemann. — Os funcionários vão ter de esvaziar os escritórios. Confio em si para supervisionar isto, para que tudo decorra sem sobressaltos. Não quero confusões, e as outras empresas devem ser perturbadas o mínimo possível.

Desligou.

Todo o edifício estava num alvoroço. A rotina matinal fora completamente perturbada pela chegada da Wehrmacht. À medida que os funcionários chegavam, viam os veículos militares e entravam no edifício com um misto de irritação e medo no rosto, ou com algo que fazia Gerard pensar sobretudo em sensacionalismo.

O diretor da empresa de comércio ainda não chegara, e Gerard chamou à parte, junto às escadas, os primeiros funcionários que chegaram para lhes explicar a situação. Ficaram profundamente chocados.

— Mas vamos para onde? — perguntou uma mulher. — Ainda vamos receber, não vamos?

— Não sei... Sinceramente, não sei — era a única resposta que Gerard podia dar a todas as suas perguntas.

Olhava continuamente para a porta, esperando ver o diretor chegar. Entretanto, os oficiais alemães fumavam e trocavam piadas junto ao cubículo do porteiro. O mais novo estava de mãos

enfiaças nos bolsos, como os colegas, e observava o pessoal que ia chegando. Roger manteve-se no seu cubículo, esforçando-se por continuar com as suas tarefas.

O diretor chegou, dirigiu-se de imediato aos três alemães e começou a discutir com eles. Foi uma conversa breve e não muito agradável, observou Gerard à distância. Os militares e o diretor falavam cada vez mais alto, até que um dos oficiais levantou uma mão e apontou para cima.

O diretor juntou-se ao grupo de funcionários e foi de imediato bombardeado com uma torrente de perguntas. Estava lívido, enquanto conduzia os funcionários para cima.

Os militares acompanharam-nos, e Gerard seguiu-os. Os homens inspecionaram os andares, indicando onde as suas coisas deveriam ficar. Ficou acordado que voltariam na manhã seguinte. Os andares tinham de se encontrar vazios, mas as secretárias e os armários deveriam ficar onde estavam. Seriam usados por eles.

Uma mulher desfez-se em lágrimas. O jovem alemão foi até ela e tirou um lenço do bolso, oferecendo-lho. Ela ergueu o olhar, com um ar furioso.

— Não quero nada seu, seu idiota! Nunca! — gritou.

Ele encolheu os ombros e varreu com o braço o tampo da secretária mais próxima. Papéis, tabuleiros, canetas e fitas de máquina de escrever — tudo ficou espalhado pelo chão. Os alemães riram-se, deram meia-volta e partiram.

Demorou quase o dia todo a esvaziar os dois andares. Para Gerard, era uma visão desoladora. Durante todo o dia, funcionários abalados entravam e saíam com as suas coisas. O diretor conseguira um espaço de armazenamento por intermédio de um conhecido, que poderia ser usado durante o tempo que fosse necessário, mas ainda não tinham um local para os escritórios.

O elevador de serviço subia e descia continuamente, transportando tudo para fora do edifício. No fim do dia, o diretor foi o último a sair. Tinha um olhar inerte, como se estivesse com dificuldade em compreender os acontecimentos do dia.

— Tenho imensa pena — disse Gerard.

— A culpa não é sua — respondeu o homem, com apatia.
— As coisas são assim mesmo.

Gerard não sabia o que dizer, pelo que se manteve calado. O diretor apertou-lhe a mão e saiu sem olhar para trás.

Na manhã seguinte, os militares da Wehrmacht chegaram cedo. Logo depois, apareceu uma carrinha completamente cheia, com um grupo de carregadores a começar a levar um recheio completo de escritório diligentemente para dentro.

Roger manteve-se no seu posto, tenso. Para facilitar, todas as portas permaneciam abertas, e ele teve muita dificuldade em certificar-se de que não deixava passar ninguém que tivesse de se lhe apresentar.

Os alemães atarefavam-se a transportar todas as suas coisas: caixas cheias de papéis, máquinas de escrever, duplicadores, registos. Tudo era cuidadosamente transportado escadas acima. Gerard posicionara-se ao fundo das escadas para observar todo o processo. Quando um dos soldados lhe perguntou se os podia ajudar, pegou de imediato numas ferramentas e fingiu estar a reparar a maçaneta de uma porta no átrio.

Roger tocou-lhe com um dedo no ombro.

— Não deveríamos dizer-lhes que há um elevador de serviço? — perguntou.

— Eu não lhes vou dizer. Eles que carreguem a tralha pelas escadas.

Ao início da tarde, apareceu um camião com material para a torrefação de café. Meteu pela entrada de serviço junto ao escritório para descarregar tudo no elevador. Alguns minutos

depois, um alemão de rosto enrubescido apareceu diante de Gerard, perguntando-lhe num tom agudo por que raio este não mencionara a existência do elevador.

— Que disparate! Esqueci-me completamente — respondeu Gerard, tentando parecer o mais contrito que conseguia. Pegou nas ferramentas e subiu as escadas. Agora que já não era possível ficar por ali a observar os alemães a vergarem a espinha sem ser necessário, mais valia ir lá para cima.

Chegando ao seu andar privado, não encontrou Bep. Procurou em todas as divisões e percebeu que ela deveria estar na casa de banho. Bateu à porta.

— Bep, estás aí? Está tudo bem?

Momentos depois, a porta abriu-se, e Bep emergiu, pálida e com as pernas a tremer.

— Sinto-me péssima — disse, deixando-se cair na primeira cadeira que viu. — Vomitei três vezes esta manhã.

— Não será melhor irmos ao médico? — perguntou ele, sobressaltado.

Ela assentiu.

— Acho que vou ter de ir ao médico em breve. Mas podemos esperar por amanhã. Parece-me que sei o que ele vai dizer.

Pousou uma mão na barriga e esboçou um sorriso trémulo.

Bep conseguiu uma consulta para o dia seguinte. O médico era novo na zona; vivia mesmo ao virar da esquina, com a mulher e dois filhos pequenos, e acabara de abrir o consultório.

O Dr. Lam examinou Bep enquanto Gerard esperava na sala. Momentos depois, veio ter com ele.

— Parabéns — disse. — A sua família está prestes a aumentar. — Deu-lhe um firme aperto de mão. Depois, sentou-se ao lado de Gerard, e a sua expressão ficou séria. — Ouvei dizer que tem tido de lidar com um bando de idiotas — acrescentou.

— As notícias espalham-se depressa — comentou Gerard.

— Quando vemos veículos militares da Wehrmacht estacionados o dia todo na rua, torna-se muito evidente. E mesmo que os boches tivessem dado menos nas vistas, ainda assim as notícias espalhar-se-iam rapidamente. As pessoas adoram falar, Gerard. Ontem ouvi a história de pelo menos quatro pacientes. E, se não o tivesse ouvido dos meus pacientes, teria sido de outra pessoa qualquer. Como se estão a comportar esses patifes?

— Ainda não sei bem — respondeu Gerard. — Acabaram de chegar. Temos de esperar e ver o que vai mudar.

Por momentos, o Dr. Lam pareceu perdido nos seus pensamentos.

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar, diga-me. Tenho muitos contactos em todo o tipo de círculos. — Parecia ir acrescentar mais qualquer coisa, mas mudou de ideias.

Bep saiu do consultório e juntou-se a eles. Gerard levantou-se e recolheu o chapéu de cima da mesa.

— Contacte-me se precisar de alguma coisa — disse o Dr. Lam. — Afinal, somos vizinhos.

— Vizinhos holandeses — acrescentou Gerard.

— Exato — confirmou o Dr. Lam. — Vizinhos holandeses, é exatamente isso que somos!

Felizmente, os enjoos matinais de Bep passaram depressa. Contaram da gravidez à família. Wies e Levi foram os primeiros a visitá-los e a felicitá-los.

— Fizemos o caminho todo a pé. Estúpida interdição do elétrico! — reclamou Levi.

Há semanas que passara a ser proibido aos judeus viajarem no elétrico. A interdição dificultara o encontro de muitas pessoas, e fazia com que muitos não chegassem a horas ao emprego. Gerard reparara que os funcionários judeus no Westermarkt tinham de se levantar pelo menos uma hora mais cedo para

caminharem até ao trabalho. Também Levi tinha imensa dificuldade em chegar a horas aos seus compromissos. E, para encontrar trabalho, isso não ajudava.

— E depois aquela ridícula estrela de David — continuou Wies, indignada. Levi não disse nada. Ao chegar, despira apressadamente o casaco, como se estivesse também envergonhado diante de Bep e Gerard. — Adiante — prosseguiu Wies. — Finalmente, boas notícias, um novo bebé na família. Mal posso esperar.

Quando Wies e Levi se preparavam para partir, Gerard chamou Levi à parte.

— Talvez eu possa ajudar — disse-lhe. — Posso perguntar por aqui se há trabalho.

— É muito simpático da tua parte. Mas nós cá nos arranjam.

QUEM DENUNCIOU ANNE FRANK?

Quando Gerard Kremer, em 1941, se torna zelador de um prédio de escritórios em Amesterdão, próximo do que hoje é conhecido como Anexo Secreto — o refúgio de Anne Frank e da família entre 1942 e 1944 —, não tem ideia do papel que viria a desempenhar na cidade ocupada pelos nazis. Devido às circunstâncias, e porque não consegue fechar os olhos ao que está a acontecer em seu redor, Gerard acaba por integrar gradualmente a Resistência.




Em 1942, as coisas complicam-se, quando as Forças Armadas alemãs ocupam parte do prédio onde Gerard trabalha. Nessa altura, ao descobrir na cave do prédio um grande armazenamento de mantimentos destinados aos alemães, Gerard decide começar a desviar alguma comida para ajudar os judeus, dando igualmente abrigo a algumas famílias judias. Gerard sabe que está a envolvido num jogo que é cada vez mais perigoso, e isso quase o mata, mas nada o impedirá de lutar por aquilo que acredita ser o seu dever.

**Uma história baseada em factos reais
que apresenta novas evidências sobre quem
denunciou o esconderijo da família de Anne Frank.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

História

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896238605



9 789896 238605 >